

EDITORIAL

LITERATURA, MÚSICA, TEATRO, POLÍTICA, REALIDADE: SALVE, SALVE A ARTE DE CHICO BUARQUE E OUTROS AUTORES

As páginas da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* sempre trazem arte, história, literatura, passado e presente entremeados com imagens de nosso arquivo e de alguns colaboradores. Este número 88 entrou em clima de comemoração dos 80 anos de Chico Buarque, completados em 19 de junho de 2024. Multiartista, compositor, escritor, voz de forte e sutil presença no cenário político-cultural, Chico desenhou retratos do Brasil em som, letra e gesto. Desde os anos 1960, com a ditadura mostrando sua violência e tolhimento, até os dias de hoje, a produção de Chico Buarque é plena de sentidos. Nessa linha, a proposta de publicação de um dossiê, organizado por Daniela Vieira dos Santos, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, SP), Marcos Lacerda, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel, RS), e Walter Garcia, da Universidade de São Paulo (USP, SP), foi aceita pelo Comitê Editorial da revista. Além de participantes de São Paulo, colaboraram autores de quatro estados: Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul. Como foi dito na Apresentação do Dossiê, “Retratos do artista: Chico Buarque, 80 anos”, sua vasta obra musical, literária e dramática trouxe fruição, resistência e reflexão, sendo reconhecida e legitimada pela densidade estética, lírica e sociopolítica. Este dossiê é mais uma prova dessa função provocativa de pensamento.

No sentido de trazer novas visões críticas, foram reunidos sete artigos, organizados numa sequência que vai das obras do século XXI às mais antigas, da segunda metade do século XX, além de uma resenha sobre o livro *Anos de chumbo e outros contos*, de 2021. São passos e compassos de Chico Buarque, que foram marcando tempos reais e imaginários. A diversidade de abordagens reflete a diversidade de sua produção artística, sempre articulada com as conjunturas políticas da época. Alguns artigos analisam canções específicas de Chico Buarque. Em “‘Iracema voou’ para a América... e o Brasil?”, Daniela Vieira dos Santos lembra o romance *Iracema*, de José de Alencar, e mostra como a canção tem um ponto de vista crítico ao processo de imigração de brasileiros para os Estados Unidos nos anos 1990. Adélia Bezerra de Menezes, em “‘Que tal um samba?’ e suas camadas”, analisa a letra dessa música, de 2022, mostrando as discrepâncias e similaridades com canções da

época da ditadura militar (de 1964 a 1985), com o atual ressurgimento da extrema direita e a resultante necropolítica. Em viés ensaístico, Walter Garcia, em “Um lírico no desvario do capitalismo: ‘As vitrines’, de Chico Buarque”, explora as formas textuais e musicais dessa canção, lançada em 1981, apontando sua complexidade de construção, desde a menção à letra que aparece como jogo de espelhos no encarte do LP *Almanaque* até identificar o relato de devaneios como elemento central. Para tratar do lirismo do samba-canção, concentra-se em algumas palavras, escande verso por verso, mobilizando autores como Edgar Allan Poe, Freud, Luiz Tatit, Maria Rita Kehl, Walter Benjamin, Baudelaire, entre outros. No campo literário, Edu Teruki Otsuka, em “Ficção, história e sociedade na literatura de Chico Buarque (uma sinopse)”, analisa uma série de textos literários que focalizam contextos de diminuição da consciência política no Brasil. O artigo de Lucas Faial Soneghet, “Eu, o outro e *Essa gente*: um dilema de identidade no romance de Chico Buarque”, tematiza “a noção de *desfaçatez dos intelectuais*” como um recurso para refletir sobre a distância existente na convivência entre as elites culturais e as classes populares. Nessa linha, Soneghet traça relações com o cenário social e político, desde o golpe militar de 1964 até o ressurgimento do conservadorismo, associado ao fortalecimento da nova extrema direita brasileira e mundial. Por sua vez, Tatiana Prevedello, em “As pontas esgarçadas da vida em *Órfãos do Eldorado e Leite derramado*”, compara os romances de Milton Hatoum e Chico Buarque ao construir personagens idosos que se debatem em relatos de memória, trazendo dúvidas em relação à sua confiabilidade. Miliandre Garcia retoma a primeira produção dramaturgica de Chico em “A arte como testemunho: texto, cena e contexto em *Roda viva* (1967-1968)”. Chico já era um ídolo nacional pelas suas músicas, mas desejava ampliar a atuação em outras áreas, inclusive por estar insatisfeito com o mercado fonográfico e televisivo. Com apenas 23 anos, convidou o diretor José Celso Martinez Corrêa para dirigir seu texto dramaturgico; sob vários aspectos, *Roda viva* é um marco na história do teatro brasileiro e também na trajetória dos artistas da sua geração. Para completar, a resenha de Juliane Vargas Welter, “Um passeio pelo espírito da época”, apresenta o livro *Anos de chumbo e outros contos*, de 2021, quando o autor estreou no gênero textual curto.

Três artigos contribuem para relacionar criação/real – atitude que perpassa todo este número da *RIEB*. Autores de “*Os fornos quentes*, de Reinaldo Guarany Simões: sobrevivência, exílio e melancolia”, Marcos Aparecido Lopes e Rogério Silva Pereira escrevem sobre o romance autobiográfico do ex-guerrilheiro Reinaldo Guarany Simões, que se exilou na Alemanha Ocidental nos anos 1970, ao lado de sua companheira, a também ex-guerrilheira Maria Auxiliadora Lara Barcelos, que ali veio a falecer, trabalhando as noções de melancolia, sobrevivência, apagamento e iluminação. A atuação do setor empresarial no âmbito das políticas sociais é o objeto do artigo “A questão social como investimento: empresas e políticas sociais no Brasil”, de Livia de Tommasi, que questiona as formas como as empresas lidam com gestão de pobreza, se há investimentos sociais lucrativos, enfim, como o setor empresarial se comporta. Em “Arte e ofício: a trajetória do escultor e fundidor Roque de Mingo em São Paulo na primeira metade do século XX”, Rafael Dias Scarelli traz significativa pesquisa biográfica e iconográfica para refletir sobre como o escultor

Roque de Mingo se inseriu no campo artístico paulistano, primeiro como fundador, inicialmente sem relação com as instituições acadêmicas, até alcançar posições de poder dentro desse circuito. É o exemplo de uma carreira vivida por alguém que se aproximou do universo artístico na qualidade de artífice, processo que aconteceu com outros de sua geração.

Na seção Criação – “Vacilante”, de Renato Castanhari – temos a reprodução de algumas de suas pinturas, expostas na Galeria Pilar (São Paulo), de 30 de março a 25 de maio de 2024, em sua segunda mostra individual. São imagens que vacilam entre abstração geométrica e paisagens informais.

Thiago Mio Salla apresenta, na seção Documentação, “‘Os filhos da coruja’ de Graciliano Ramos: pedagogia da autonomia em fábula inédita do autor de *Vidas secas*”, trazendo documentos do Fundo Graciliano Ramos do Arquivo do IEB. Em busca realizada, Thiago Mio Salla encontrou, dentro da categoria “Manuscritos recebidos de autores não identificados”, textos de J. Calisto, um dos pseudônimos que Graciliano Ramos (1892-1953) usava no início de sua carreira. Localizou então um poema escrito à mão, assinado por J. Calisto, que foi a base do livro *Os filhos da coruja*, de Graciliano Ramos, publicado em 2024 pela editora Todavia.

Fechando este número, na seção Resenhas, além da análise acima referida sobre o livro *Anos de chumbo e outros contos* (BUARQUE, 2021), Carlos Pires, em “Uma gênese da literatura contemporânea para crianças e jovens: o realismo na literatura juvenil, de Lenice Bueno”, mostra como o realismo da escritora Odette de Barros Mott foi introduzido na literatura para jovens a partir de uma análise do livro de Lenice Bueno, *O realismo na literatura juvenil: Odette de Barros Mott e a denúncia social* (2023).

A seleção das imagens que aparecem ao longo desta edição foi feita pelo professor Walter Garcia a partir de ampla pesquisa realizada por Bianca Dettino, supervisora técnica da Coleção de Artes Visuais do IEB. Agradecemos ainda a Elisabete Marin Ribas, do Arquivo do IEB, que colaborou com algumas fotos.

Em textos e imagens, esta revista é um convite para uma imersão em artes brasileiras!

Dulcília Helena Schroeder Buitoni¹, Marcos Antonio de Moraes², Stelio Marras³
Editores

1 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

2 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

3 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. *Anos de chumbo e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
BUENO, Lenice. *O realismo na literatura juvenil: Odette de Barros Mott e a denúncia social*. São Paulo: Zouk, 2023.

SOBRE OS AUTORES

DULCÍLIA HELENA SCHROEDER BUITONI é professora sênior do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).
dbuitoni@usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-2695-5529>

MARCOS ANTONIO DE MORAES é docente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).
mamoraes@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-7127-9254>

STELIO MARRAS é docente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).
smarras@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-4283-1107>

Recebido em 25 de julho de 2024
Aprovado em 26 de julho de 2024

BUITONI, Dulcilia Helena Schroeder; MORAES, Marcos Antonio de; MARRAS, Stelio. Editorial – Literatura, música, teatro, política, realidade: salve, salve a arte de Chico Buarque e outros autores. *Rev. Inst. Estud. Bras.* (São Paulo), n. 88, 2024, e10705.



Seção: Editorial
DOI: 10.11606/2316901X.n88.2024.e10705